



O DESPERTAR

BOLETIM DE INFORMAÇÃO E DOCTRINA

Órgão Oficial da Igreja Lusitana

Director — L. DE FIGUEIREDO — Calçada das Lages, 6 — Lisboa

Redactores — A. FERREIRA ARBIOL — Rua do Cativo, 6 — Porto
SAUL DE SOUSA — Rua A. V. - Lote 2, r/c-D. — Vila Franca de Xira

Administrador JOAQUIM DE PINA CABRAL — Sto. Ovídio — V. N. de Gaia

Composição e impressão: Empresa Técnica de Tipografia, Lda. - Vila Franca de Xira

Pelo Rev.^m Bispo-Eleito Dr. Luis Rodrigues Pereira

DAR

«Tudo vem de Ti e do que é Teu To damos».

1 Crón. 29: 14

TALVEZ pareça de mau gosto que vá escrever sobre este assunto — dar — a primeira vez que, através do Despertar, me dirijo aos fiéis, após haver assumido a jurisdição ordinária da Igreja.

Não julgueis, porém, que vou fazer qualquer apelo financeiro para determinado fim. Como Ministro de Deus, e ministro agora com responsabilidades muito especiais, é meu dever todavia, ensinar o Caminho de Deus. Ora **dar**, faz tanto parte do Cristianismo como crer, orar, assistir ao culto divino, ou participar dos Sacramentos.

Li há tempos, em certo periódico anglicano, que o facto dos anglicanos da América, dum modo geral, contribuirem mais para a Igreja do que os ingleses, não era por serem mais ricos ou mais generosos, mas apenas porque **dar**, para eles, tinha significado diferente; haviam aprendido a dar de modo litúrgico e sacramental.

E' fora de dúvidas que a maioria dos fiéis da Igreja Lusitana não dá regularmente para as várias actividades religiosas aquilo que podia dar. Que não é por falta de generosidade, provam-no as respostas tão boas como inesperadas dadas em certas ocasiões a determinados apelos. Mas o facto de que é preciso fazer apelos (às vezes com frequência e insistência demasiadas) mostra que temos ainda muito que aprender neste capítulo de dar.

O ensino deste aspecto da vida cristã, para ser eficiente, necessita como todo o ensino ético do Cristianismo, de sólida base doutrinal.

Em primeiro lugar, necessitamos de aprender que **dar** para a Obra de Deus, é fundamentalmente **restituir** a Deus o que Lhe pertence. As Escrituras são claras a este respeito: «Não sois de vós mesmos... fostes comprados por preço» (I Cor. 6: 19, 20). «Do que é Teu To damos» (I Crón. 29: 14). Não apenas o dinheiro, mas o tempo, as faculdades, as energias, todo o ser enfim, pertencem, de direito, a Deus, que para Si nos criou e em Seu Filho nos comprou, para sermos povo Seu. Reconhecer este facto, de que pertencemos a Deus com tudo o que temos e somos, é pois acto de elementar honestidade. Como porém não temos que nos haver com a polícia, nem ficamos mal vistos na

(Continua na pág. 7)

Deliberações Sinodais

A Comissão Permanente do Sínodo, reunida no dia 8 de Dezembro p. p., tomou, entre outras, as seguintes decisões:

1) Elevar a Catedral da Igreja Lusitana, a Igreja Paroquial de S. Paulo, Lisboa, ficando como seu Deão «*ex officio*» o Rev.^m Bispo-Eleito e como seu Ministro auxiliar o Rev. João Soares de Carvalho;

2) Nomear Cónegos da Catedral os Revs. José Ferreira de Sousa, Augusto Nogueira e Eduardo Henriques Moreira, em homenagem pelos seus serviços prestados à Igreja e por seus dotes e merecimentos pessoais;

3) Isentar o Rev. Eduardo Moreira, a seu pedido, de todas as actividades e responsabilidades paroquiais, continuando, contudo, a prestar a sua valiosa colaboração no Púlpito da Catedral e em obras literárias da Igreja;

4) Transferir para Vila Nova de Gaia o Rev. Francisco Venâncio de Oliveira, como Ministro auxiliar das Paróquias do Salvador do Mundo e do Bom Pastor;

5) Nomear Ministro da Paróquia de Cristo Remidor (Alcacer do Sal) o Rev. Manuel de Sousa Campos;

6) Nomear Ministro interino da Paróquia do Espírito Santo (Setúbal) o Rev. Saul de Sousa.

—◆—

Não esqueçais de auxiliar as iniciativas da Igreja Lusitana: Lembrai-vos deste pequeno boletim que não pode viver sem o vosso auxílio; ajudai com o máximo das vossas possibilidades a erguer o templo de Alcacer do Sal.

«Deus ama ao que dá com alegria».

NOTAS E COMENTÁRIOS

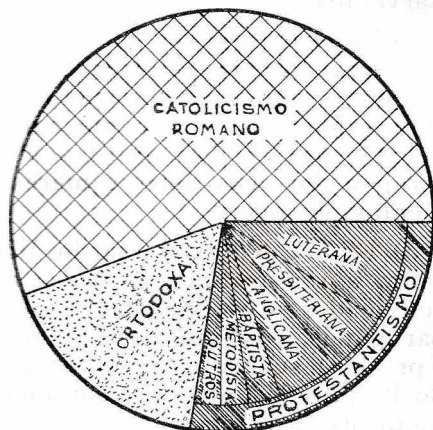
Por Paulo Agostinho

Unidade da Igreja

É aceite actualmente que muita da perplexidade que perturba o mundo cristão — a chamada civilização ocidental — tem raízes profundas na divisão da Igreja.

A unidade da Igreja, no decorrer da História, quebrou-se «visivelmente», primeiro com o cisma do Oriente, no limiar do 2.º milénio da era de Cristo, e depois com a Reforma do século XVI. Já antes, contudo, havia perdido o seu sentido verdadeiro, católico, com a hegemonia totalitária de Roma, dominando as outras Igrejas estabelecidas desde a expansão da Igreja primitiva, como a Igreja Visigótica, a Igreja Anglicana, a Igreja Galicana e outras.

DIVISÕES DO CRISTIANISMO
ESTIMATIVA ACTUAL DOS MEMBROS



Total da população cristã 750 milhões, aproximadamente

Uma unidade autoritária que surgia de Roma, desfazia, pela sua atitude, aquela unidade anterior dos primeiros séculos e da qual os concílios ecuménicos eram a sua expressão real e concreta. E o que teria podido continuar com êxito numa coordenação de acção evangelizadora, redundou em malefício por culpa dos homens, pelo seu orgulho, vaidade e espírito de domínio.

Uma unidade autoritária não é uma unidade «de facto», pois esta provém duma harmonia de princípios que se coadunam numa disciplina voluntária que não coarta a liberdade, mas se mantém ligada por elos indestrutíveis, por bases universalmente aceites.

Também uma verdadeira unidade não quer dizer uniformidade. Já o dissemos aqui neste mesmo local (ver *Despertar* n.º 28). Pensar o contrário constitui um erro crasso, um desvio de concepção que prejudica seriamente a evolução do pensamento ecuménico.

Os elos indestrutíveis, que mantinham unida a Igreja dos primeiros séculos, eram os fundamentos duma mesma Fé, sintetizada nos Credos, uma Litúrgia de origem comum, baseada no Velho e Novo Testa-

mento e um *Episcopado* na sua expressão simples, evangélica, de origem na Igreja Apostólica do Novo Testamento, e, desta forma, dinâmica, de pura acção evangelizadora e cujos títulos e honras eram apenas os de servir, com humildade, e num objectivo directo de expansão do Reino de Deus.

Estes elos são eternos e é o que fica dos escombros de muitíssima coisa que os homens architectaram, e que se irão desfazendo com o tempo que passa. A História não se repete, senão no que é eterno. Passará o céu e a terra, mas nunca o que tem fundamento na Lei e nos Profetas. O passado é passado. O mundo cristão tem evoluído e é impossível voltar ao anterior. É necessário ter Fé.

Nós não somos, os que escrevemos estas linhas, nem teólogo, nem especialista na matéria. Estes que se reúnem, que preparam o futuro, estudando os diferentes problemas pertinentes ao grande movimento que se desenha e no qual pomos o futuro dum mundo melhor, duma Igreja, força espiritual, que envolva duma esperança esta pobre humanidade que se debate desesperadamente para se salvar e que ainda não encontrou Cristo como seu Salvador e Mestre.

E o que podemos nós próprios fazer? Nós que não somos peritos nestes assuntos? Só nos resta orar, orar sempre, permanentemente, mantendo-nos em vigília. «Vigiai e Orai» — disse Nosso Senhor Jesus Cristo — «para que não entreis em tentação». E pedir a Deus que inspire e abençoe todos os que são responsáveis pelo movimento ecuménico.

Há muitos anos, desde a sua restauração em 1880, que na Igreja Lusitana, todos os domingos, nas suas paróquias se ora pela Unidade da Igreja: (livro de Oração Comum, pág. 36) «O Deus, dá-nos graça para que seriamente ponderemos em nosssas corações os grandes perigos que a Tua Igreja corre pelas suas desgraçadas desuniões; afasta de nós todo o ódio e prevenção e tudo o que possa estorvar-nos da santa união e concórdia; e pois que existe só um corpo, um espírito e uma esperança da nossa vocação divina, um único Senhor, uma Fé, um baptismo, um só Deus e Pai de nós todos, permite que, de hoje em diante, possamos ter um só coração e uma só alma, unidos em santo laço de verdade, paz, fé e caridade, para que, com um só entendimento e uma só boca, Te glorifiquemos; por Jesus Cristo, Nosso Senhor». Amen.

Movimentos Pró-União

Nestes últimos anos têm-se dado alguns movimentos em prol da União das Igrejas, os quais vale a pena lembrar. E recordando-nos, avaliamos o caminho já andado e quanto as nossas aspirações não são apenas pura utopia, como muitos parecem julgar, mas possíveis realidades futuras, num tempo mais ou menos longo, quando Deus achar que souo o tempo e a hora. Não est-jamos apressados, pois, como Maria nas bodas de Caná.

Em 1947, no Sul da Índia, 1 milhão de anglicanos e 500.000 membros das Igrejas Metodista, Presbiteriana e Congregacional, reuniram-se numa Igreja a que deram o nome de Igreja do Sul da Índia. Espera-se que em 1970 se concretize uma inteira intercomunhão com a Igreja Anglicana, ainda só em parte realizada, quando todos os que têm desempenhado funções de presbíteros estiverem ordenados episcopalmente.

Em 1955 foi nomeada uma comissão de categorizados membros das Igrejas Presbiteriana e Anglicana, com o fim de estudarem e discutirem os assuntos relativos a uma união destas duas Igrejas. Depois duma interrupção, por dificuldades que se levantaram, esta comissão recomeçará em breve os seus trabalhos, assim noticiam os jornais.

Desde 1955 que existem igualmente «conversações» entre a Igreja Anglicana e a Igreja Metodista, com animadoras perspectivas.

No Canadá, por altura da 2.ª guerra mundial, deu-se uma união entre as Igrejas Presbiteriana, Metodista e Congregacional, formando-se assim a Igreja Unida do Canadá.

Nos Estados Unidos e no Brasil algumas Igrejas da mesma denominação, mas separadas em organizações diferentes, igualmente se têm unido.

Por último, queremos registar, com satisfação, uma melhor compreensão dos problemas ecuménicos, por parte da Igreja Católica Romana. Por iniciativa do Papa João XXIII foi aberta uma secretaria no Vaticano com o objectivo expresso de tratar dos assuntos referentes à unidade dos cristãos. Além disso, por sua iniciativa também, foram enviados observadores católicos romanos (caso inédito) às reuniões do Comité Central do Conselho Mundial das Igrejas. E como é sabido, foi anunciada a realização próxima dum Concílio Ecuménico, cuja finalidade principal é estudar «os meios de reunir novamente numa só Igreja todos os cristãos separados, os Ortodoxos, os Protestantes e outros».

O Arcebispo de Cantuária, Dr. Fisher, num amplo e largo espírito cristão, ao passar por Roma, vindo de Jerusalém, foi visitar o Papa, num acto simples de cortezia, apoiado por várias denominações protestantes, e em apreço ao espírito de concórdia manifestado ultimamente pelo Chefe da Comunhão Católica Romana.

Atitude da Igreja Reformada

Nós, cristãos evangélicos, temos uma mensagem, oriunda da Reforma. Ela é simples, pois é fundada no Evangelho. Regozijemo-nos por todo o esforço que se está fazendo, para uma união (em conjunto) de todas as Igrejas históricas mas não percamos a herança sacrossanta que os Reformadores nos deixaram do livre exame, da liberdade religiosa, do conceito da Igreja como comunidade dos fiéis, do estudo profícuo da Bíblia, duma crença firme em Cristo Jesus, como único Salvador e Mestre, o Cristo vivo que ressuscitou e

(Continua na pág. 5)

Ordem, Fé e Santificação do Presbiterato

Sermão pregado por ocasião da ordenação ao presbiterato do
Rev. Saul de Sousa

em 18-Dezembro-1961

pelo Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral

«Por amor deles Me santifico, a fim de que também eles sejam santificados na verdade».

S. João 17:19

Manda a liturgia da Igreja que o sermão deste serviço trate do OFÍCIO e dos DEVERES inerentes ao Presbiterato.

Obediente à rubrica, versarei o assunto; mas, tanto quanto possível, tendo em vista a situação actual da Igreja Lusitana.

I

E' evidente que nos últimos anos se vem a operar uma modificação de face na Igreja Lusitana. Os sinais externos dessa modificação, pelo menos os mais salientes, são:

— aperfeiçoamento e desenvolvimento da prática litúrgica, sobretudo resultante da libertação duma certa reserva em proclamar abertamente perante os nossos irmãos doutras confissões reformadas, o valor e a autenticidade evangélica da liturgia do Livro de Oração Comum;

— a sistematização e coodificação da disciplina canónica;

— o aumento de recursos financeiros;

— o rejuvenescimento do seu clero, e recente aquisição do episcopado histórico;

— enfim (e esta nota considero-a dominante) uma consciência, que renasce entre o seu clero e o seu povo, de que a Igreja Lusitana não é apenas uma comunidade protestante, no sentido corrente da palavra, só por exterioridades diferenciada das outras, mas muito rigorosamente, é mais um movimento religioso português de regresso ao catolicismo antigo — que se corporalizou, se institucionalizou numa comunidade eclesial, conservadora desse velho-catolicismo, e, simultaneamente caracterizada pelo mais amplo e mais aberto espírito evangélico.

Quem tiver liberdade mental para observar, dará conta destes sintomas.

II

Reparareis irmãos, que tudo quanto mencionei tem puro carácter formal, ou, talvez melhor, *instrumental*; não respeita à *substância* das coisas sagradas, não significa realização da obra que constitui a finalidade essencial da Igreja de Cristo.

De que valerá uma bela liturgia, se a mesma não for utilizada para despertar e exprimir sentimentos de penitência, de fé e adoração em corações sinceramente convertidos?

De que serve um perfeito sistema de direito canónico, se as relações eclesiásticas por ele regidas forem inspiradas por egoísmo frio, pela ridícula ansiedade de prestígio por parte do clero, ou pela abortiva demagogia dos leigos?

Para quê os recursos financeiros, se tais bens não forem postos, inteira e criteriosamente, ao serviço da expansão do Reino de Deus; e, antes, se perderem infelizmente, no sustento dum clero presunçoso e negligente, esquecido de que os leigos, generosos doadores, têm o direito de reclamar uma santa aplicação para as primícias do seu trabalho?

E qual a vantagem duma mais perfeita consciência do sentido histórico e da doutrina da Igreja, do seu equilibrado catolicismo-evangélico, se tal consciência degenerar em orgulho de seita?

QUEM ESTÁ DE PÉ, VEJA NÃO CAIA

Aquelas coisas são boas, representam uma valorosa conquista, antes, uma misericordiosa dávida do Alto, um *dom perfeito*, se forem utilizadas como instrumentos, como meios para atingir o fim a que se destinam: a edificação da Igreja, a *santificação sem a qual ninguém pode ver a Deus*.

Em si mesmas, e distraídas do serviço redentor de Cristo, são como metal que soa, nem sino serão, mas sineta tocando a rachado.

Podem virar em puras nulidades, porque só contam, só se tornam eficazes, se a graça latejar dentro da Igreja em vidas convertidas, ardentes na ânsia de servir o Senhor, transbordantes de amor cristão pelo próximo, dominadas pelo desejo da santificação.

III

A este ponto quis vir, para, a partir dele, considerarmos o *ofício e os deveres* dum presbítero actual da Igreja Lusitana. Isto, porque aos Presbíteros, em torno do seu ORDINÁRIO, pertence, principalmente, transformar em realidades espirituais, válidas, operantes e eficazes, aqueles mencionados dons da Graça Divina.

O OFÍCIO DO PRESBÍTERO

A liturgia da Ordenação, como vereis em breve, ensina que o Presbítero, por seu *ofício*, é —

mensageiro
sentinela
e mordomo — do Senhor.

a) À cabeça, ele é mensageiro

«Assim como o Pai Me enviou o Mim, vos envio Eu a vós: ide e anunciai o Evangelho a toda a criatura».

Há uma mensagem para os homens: a do compadecido amor de Deus revelado em N. S. J. Cristo. E' esta *mensagem* que ao Presbítero compete dar, sob pena de ser traidor infiel. «Ai de mim se não evangelizar».

Quando prega, quando celebra, quando visita, quando conversa, quando saúda, mesmo quando guarda recatado silêncio, em todos os momentos e em todos os lugares, a sua pessoa presente deve constituir, proferir a mensagem, não tanto pelo distintivo das suas vestes (pelo seu cabeção, ou pela alva), não tanto pela repetição decorada do texto bíblico (como se o texto bíblico, por si, tivesse valor mágico) — mas pela irradiação natural da sua personalidade. Ele há-de ser arauto do amor de Deus Redentor, há-de cumprir esta parte do seu *ofício*, para que os homens descrentes, ou os cristãos de nome, venham a aperceber-se de que pela sua boca e seu porte, uma entidade sobrenatural se lhes diri-

Ordem, Fé e Santificação do Presbiterato

Sermão pregado por ocasião da ordenação ao presbiterato do

Rev. Saul de Sousa

em 18 - Dezembro - 1961

pele Rev. Dr. Daniel de Pina Cabral

«Por amor deles Me santifico, a fim de que também eles sejam santificados na verdade».

S. João 17: 19

Manda a liturgia da Igreja que o sermão deste serviço trate do OFÍCIO e dos DEVERES inerentes ao Presbiterato.

Obediente à rubrica, versarei o assunto; mas, tanto quanto possível, tendo em vista a situação actual da Igreja Lusitana.

I

E' evidente que nos últimos anos se vem a operar uma modificação de face na Igreja Lusitana. Os sinais externos dessa modificação, pelo menos os mais salientes, são: — aperfeiçoamento e desenvolvimento da prática litúrgica, sobretudo resultante da libertação duma certa reserva em proclamar abertamente perante os nossos irmãos doutras confissões reformadas, o valor e a autenticidade evangélica da liturgia do Livro de Oração Comum;

— a sistematização e coodificação da disciplina canónica;

— o aumento de recursos financeiros;

— o rejuvenescimento do seu clero, e recente aquisição do episcopado histórico;

— enfim (e esta nota considero-a dominante) uma consciência, que renasce entre o seu clero e o seu povo, de que a Igreja Lusitana não é apenas uma comunidade protestante, no sentido corrente da palavra, só por exterioridades diferenciada das outras, mas muito rigorosamente, é mais um movimento religioso português de regresso ao catolicismo antigo — que se corporalizou, se institucionalizou numa comunidade eclesiástica, conservadora desse velho-catolicismo, e, simultaneamente caracterizada pelo mais amplo e mais aberto espírito evangélico.

Quem tiver liberdade mental para observar, dará conta destes sintomas.

II

Reparareis irmãos, que tudo quanto mencionei tem puro carácter formal, ou, talvez melhor, *instrumental*; não respeita à *substância* das coisas sagradas, não significa realização da obra que constitui a finalidade essencial da Igreja de Cristo.

De que valerá uma bela liturgia, se a mesma não for utilizada para despertar e exprimir sentimentos de penitência, de fé e adoração em corações sinceramente convertidos?

De que serve um perfeito sistema de direito canónico, se as relações eclesiásticas por ele regidas forem inspiradas por egoísmo frio, pela ridícula ansiedade de prestígio por parte do clero, ou pela abortiva demagogia dos leigos?

Para quê os recursos financeiros, se tais bens não forem postos, inteira e criteriosamente, ao serviço da expansão do Reino de Deus; e, antes, se perderem infelizmente, no sustento dum clero presunçoso e negligente, esquecido de que os leigos, generosos doadores, têm o direito de reclamar uma santa aplicação para as primícias do seu trabalho?

E qual a vantagem duma mais perfeita consciência do sentido histórico e da doutrina da Igreja, do seu equilibrado catolicismo-evangélico, se tal consciência degenerar em orgulho de seita?

QUEM ESTÁ DE PÉ, VEJA NÃO CAIA

Aquelas coisas são boas, representam uma valorosa conquista, antes, uma misericordiosa dávida do Alto, um *dom perfeito*, se forem utilizadas como instrumentos, como meios para atingir o fim a que se destinam: a edificação da Igreja, a *santificação sem a qual ninguém pode ver a Deus*.

Em si mesmas, e distraídas do serviço redentor de Cristo, são como metal que soa, nem sino serão, mas sineta tocando a rachado.

III

Podem virar em puras nulidades, porque só contam, só se tornam eficazes, se a graça latejar dentro da Igreja em vidas convertidas, ardentes na ânsia de servir o Senhor, transbordantes de amor cristão pelo próximo, dominadas pelo desejo da santificação.

A este ponto quis vir, para, a partir dele, considerarmos o *ofício e os deveres* dum presbítero actual da Igreja Lusitana. Isto, porque aos Presbíteros, em torno do seu ORDINÁRIO, pertence, principalmente, transformar em realidades espirituais, válidas, operantes e eficazes, aqueles mencionados dons da Graça Divina.

O OFÍCIO DO PRESBÍTERO

A liturgia da Ordenação, como vereis em breve, ensina que o Presbítero, por seu *ofício*, é —

mensageiro
sentinela
e mordomo — do Senhor.

a) À cabeça, ele é mensageiro

«Assim como o Pai Me enviou o Mim, vos envio Eu a vós: ide e anunciai o Evangelho a toda a criatura».

Há uma mensagem para os homens: a do compadecido amor de Deus revelado em N. S. J. Cristo. E' esta *mensagem* que ao Presbítero compete dar, sob pena de ser traidor infiel. «Ai de mim se não evangelizar».

Quando prega, quando celebra, quando visita, quando conversa, quando saúda, mesmo quando guarda recatado silêncio, em todos os momentos e em todos os lugares, a sua pessoa presente deve constituir, proferir a mensagem, não tanto pelo distintivo das suas vestes (pelo seu cabeção, ou pela alva), não tanto pela repetição decorada do texto bíblico (como se o texto bíblico, por si, tivesse valor mágico) — mas pela irradiação natural da sua personalidade. Ele há-de ser arauto do amor de Deus Redentor, há-de cumprir esta parte do seu *ofício*, para que os homens descrentes, ou os cristãos de nome, venham a aperceber-se de que pela sua boca e seu porte, uma entidade sobrenatural se lhes diri-

ge, uma entidade divina que preenche o coração do Presbítero e solicita, atraentemente, a ocupação dos seus próprios corações.

Importa que o Presbítero seja a mensagem, e não só que oralmente a proclame.

b) Com ser mensageiro, há-de ser **sentinela**

O paralelismo da imagem é evidente. «*Eu te constitui por atalaia sobre a Casa de Israel*».

1) Demos atrás notícia dum desenvolvimento na vida da Igreja Lusitana; mas não deixaremos de reconhecer também a impressionante difusão, que se está operando, das mais peregrinas heresias, e das funestas baixas que seus apóstolos — os *lobos roubadores* de que fala o Novo Testamento — vão provocando entre o rebanho de Cristo.

São russelistas, são sabatistas, são adventistas sem ser sabatistas, são um pulular de *outros evangelhos* que a América do Norte, essa impressionante caldeira de extravagâncias, vai criando ou refundindo, e para cá nos envia.

Contra tais desvios de doutrinas, o Presbítero será sentinela e atalaia, sobretudo, não descurando aquelas verdades cujo culposo esquecimento por parte da Igreja pode estar na origem do aparecimento de tais heresias.

2) Advertiremos ainda contra outra espécie de inimigos, terrivelmente mais perigosos do que qualquer destas.

Impõe-se ao Presbítero o dever de «*banir e repelir, fiel e diligentemente, todas as doutrinas erróneas e estranhas, contrárias à Palavra de Deus*». Não se esqueça ele de que o materialismo e o secularismo estão entre as primeiras dessas doutrinas a banir e repelir, porque, como nenhuma outras, fazem razia no campo do Senhor. Penetram no rebanho, as mais das vezes, não propriamente como doutrinas, que se podem definir e contradizer, mas como epidémicos estados de alma. São como nevoeiro: quando se dá por ele, já cá está, infiltrado nas nossas próprias roupas.

3) Mas ao lado dessas nefastas heresias, um outro movimento, muito impressionante e atraente, se nota nos dias de hoje. Vivemos uma era a que se vai chamando já, e com boa razão, o *século do ecumenismo*. As Igrejas tradicionais, nascidas do movimento de

reacção evangélica conhecido por *REFORMA*, buscam a unidade visível da Igreja. E' o Espírito Santo a espalhar nos corações a *prece do Senhor* para que *todos sejam um*. O Presbítero da Igreja Lusitana, na linha de conduta traçada pelo seu Bispo, tudo deve fazer nesse sentido. Para além da pregação do Evangelho e da cura das almas, nenhum outro maior ideal se nos depara hoje. Todavia, o Evangelho está acima do ecumenismo. Nesta esfera de relações, a que ele é imperiosamente chamado, e a cuja chamada, não pode ficar indiferente, o Presbítero agirá com prudência e humilde fidelidade, de modo a não comprometer a integridade da «*doutrina, dos sacramentos e da disciplina de Cristo, como Deus tem ordenado, e esta Igreja tem recebido, segundo o mandato divino*».

c) E seja também **mordomo**, dispenseiro dos *mistérios do Senhor*.

Se o Presbítero deve ser diligente em pregar, e em defender a integridade do *depósito na fé*, não o pode ser menos na ministração *esmerada e leal* — como diz a liturgia — dos meios da graça. Não tenha receio de visitar, e levar a todos a Palavra, a oração e a bênção; não seja tímido em convidar o pecador à penitência e à confissão, para, com a autoridade de Cristo, lhe declarar a absolvição de Deus; não receie nunca officiar demais a santa liturgia, e oferecer com frequência ao povo fiel a Ceia do Senhor. Nunca hesite em ministrar a repreensão paternal — se a ela houver lugar — ou em levantar-se, como profeta do Altíssimo, na defesa do oprimido.

Não se acanhe na sua mordomia: o povo fiel e o povo descrente não vê nele senão aquilo que ele é — o homem de Deus, o sacerdote de Cristo; e dele não pode esperar senão a única coisa real que tem para dar: a palavra do Evangelho e os meios da graça; não o ouro dos ricos, nem a sabedoria dos académicos, ou o espírito dos mundanos de salão.

IV

Até aqui, meditámos no Ofício do Presbítero. Consideremos, agora, os seus *deveres* pessoais.

Do texto da liturgia, poderemos destacar três de capital importância:

— *Oração*

— *Estudo*

— *Imitação de Cristo*

a) O Presbítero promete ser assíduo na **oração**

Agora, que na Igreja Lusitana um número cada vez maior de ministros vive exclusivamente para a obra de Deus, impõe-se, com a maior urgência, que esses Ministros se excitem nos hábitos da ascese, e, com uma regra de vida, honestamente observada, dediquem à oração uma boa parcela do seu dia. Já se disse e repete-se: na Igreja Lusitana precisamos de pregadores, de administradores, de pastores, de teólogos; mas, na verdade, aquilo de que mais carecidos estamos é de homens de oração, homens que se dediquem especialmente à oração.

E' um ministério como outro qualquer; mas certamente tal ministério se coaduna de maneira muita directa com a profissão sacerdotal. Teremos poucos braços na Igreja «*a seara será grande e poucos os obreiros*»; por isso, muito trabalho espera o Presbítero diligente. Não obstante, se, para realizar o trabalho, ele diminuir o tempo que deve à sua própria vida interior, pequenos serão os resultados do seu esforço. Carecerá de frescura dinâmica, da vitalidade espiritual que só poderá colher-se no convívio com Jesus, em oração. E' preciso fazer da oração um dever concreto a cujo cumprimento exacto se não fuja. Só desse modo a Igreja disporá de visão e avançará.

Certamente que o Rev.^{mo} Bispo promoverá a aplicação de métodos que nos reeduem na prática sistemática e demorada da oração. Tudo se aprende, até a orar «*Senhor, ensina-nos a orar*».

b) O **Estudo** das Sagradas Escrituras e do que contribua para o conhecimento delas.

O nível do estudo atento e cuidadoso da palavra de Deus, e do mais que contribui para o conhecimento delas, desceu entre nós.

E, todavia, não nos devíamos esquecer de que o Presbítero é um mensageiro, que deve conhecer profundamente a mensagem e o *auditório*.

NOTAS E COMENTÁRIOS

(Continuação da pág. 2)

Impressões duma visita a Portugal

O Evangelho não é um disco que se ponha a tocar. É uma palavra viva e pessoal dirigida a inteligências vivas e pessoais. Deve compreender-se a formação ideológica dessas inteligências, de tal modo que a mensagem lhes seja exposta significativamente. Isto reclama estudo, esforço intelectual constante e aturado. Cremos que o progresso da Igreja está quase inteiramente dependente da aptidão com que os Presbíteros proclamem a sua doutrina de forma inteligível e atraente.

O estudo das fontes da mensagem — os livros da Bíblia, com o auxílio da acumulada meditação daqueles que, antes de nós ou melhor que nós, já estudaram — e o estudo dos destinatários da mensagem — o homem a quem se prega, a sua maneira de ser, a sua cultura, a sua filosofia — são, obviamente, as premissas duma comunicação efectiva do Evangelho.

Se não estudar, o Presbítero falará no seu Ministério. Importa orar até morrer, e estudar até morrer. Parar, preguiçosamente, é que é morrer e matar.

c) Finalmente: com toda a diligência, se aplicará a regular e modelar a sua vida pela doutrina de Cristo. É a imitação de Cristo, a disciplina.

Disse que precisávamos de homens de oração; disse que precisávamos de homens de estudo; digo agora que a Igreja precisa de homens consagrados, santificados, homens que, «nos indiquem o caminho», homens que busquem imitar a Cristo, por amor de Cristo e dos outros homens. «Por amor deles Me santifico, a fim de que também etes sejam santificados na verdade». Este dever de imitar o Senhor, de ser «alter Christus», o Cristo que se deu a Si mesmo e se fez servo para nossa salvação, é o terceiro dever do Presbítero.

V

Que bela e grandiosa visão se nos depara, nesta hora de alegria em que mais um homem entra para o colégio dos Presbíteros da Igreja Lusitana: este colégio rejuvenescido; intimamente ligado ao seu Bispo; composto de homens convertidos, devotados à oração, ao estudo e à disciplinada imitação de Cristo; prontos a pregar com eficácia, a ministrar com zelo, a guardar com vigilância as ovelhas do Senhor; e o reino de Deus a dila-

que com o Pai, e o Santo Espírito juntamente é adorado e glorificado.

Oremos firmemente para que as conversações acima indicadas entre as diferentes Igrejas reformadas tenham bom êxito, para que unidos, possamos depois firmemente empreender uma união maior com todos os outros grupos de cristãos. E até lá, mantenhmos um espírito de boa-vontade para com todos.

E quanto à Igreja Católica Romana em particular, esperemos também que perante esta manifestação de boa-vontade, cessem, duma vez para sempre, os desmandos intoleráveis praticados em alguns países, como a Colômbia e a Espanha, contra agrupamentos cristãos evangélicos. Mais papistas que o Papa, estes «zelosos» membros da Igreja Católica Romana têm chegado ultimamente a perseguições sistematizadas que bem mostram ao que chega a intolerância religiosa ainda neste século XX, no meio de todos estes movimentos em prol duma compreensão mútua e dum maior amor cristão.

Estamos convencidos que os dirigentes da Igreja Católica Romana tomarão de futuro em consideração, duma forma mais enérgica e não tão complacente, como até aqui, estes sintomas de um fanatismo sectário, longe da largueza do Reino de Deus, que a Igreja toda proclama, incluindo a própria Igreja Católica Romana na voz inspirada dum padre Couturier, dum padre Alves Correia, dum Papa João XXIII e de muitos outros a quem nós, evangélicos, prestamos a devida justiça e admiração.

Viagens Aéreas de Amizade Luso-Brasileira

No esforço de aproximar as duas pátrias de língua portuguesa, as empresas de navegação aérea brasileiras iniciaram umas viagens de ida e volta a preços mais acessíveis. Sabemos que alguns ilustres membros do Clero Brasileiro pensam em visitar Portugal, aproveitando esta oportunidade, e, provavelmente, o mesmo deve acontecer com os seus Colegas portugueses.

A Igreja Lusitana alegra-se por estes encontros que certamente irão estreitar mais os laços existentes entre as duas Igrejas irmãs. Tratando-se de povos com psicologia idêntica, os problemas de expansão eclesiológica têm certamente pontos de contacto, para a resolução dos quais, a experiência de cada Igreja muito deve contribuir. E não esquecer o benefício duma maior divulgação da literatura comum. A Igreja Episcopal Brasileira possui já uma vasta e proffica colecção de livros que apenas começa agora a aflorar em Portugal, ainda com dificuldades de aquisição.

tar-se; *até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a varão completo, à medida da estatura da plenitude de Cristo*. — Miragem de deserto...

Quem o dirá? **TUDO PODEMOS NAQUELE QUE NOS FORTALECE, A ELE, HONRA, GLÓRIA E IMPÉRIO. PELOS SÉCULOS DOS SÉCULOS.**

AMEN.

O Rev.^{mo} Bispo Stephen Bayne que nos visitou em Outubro deste ano, escreveu no «Light and Truth», órgão da Sociedade com sede em Londres, de Amigos das Igrejas Lusitana e Espanhola, as suas impressões sobre a sua visita a Portugal, dizendo entre outras coisas: «É completamente impossível visitar a pequena mas vigorosa e entusiástica Igreja Lusitana, sem se sentir a vitalidade ardente com que corajosamente enfrenta e aceita a sua vocação em Deus. Jovens de ambos os sexos e um clero activo olham confiadamente o futuro, preparando-se para um novo arranço testemunhal por «uma verdade evangélica e uma ordem apostólica», que é o lema da Igreja Lusitana. Os seus fiéis sentem aquilo que estou certo todo o anglicano profundamente compartilha, uma sincera gratidão pelo privilégio de poderem manifestar o seu testemunho ecuménico no íntimo da sua velha e nobre nação. (...) Esta Igreja segue os seus próprios caminhos, em raízes nacionais, e independente, ainda que os laços que a ligam à Comunhão Anglicana se estejam tornando cada vez mais fortes e profundos. (...) Esta Igreja deve manter-se bem perto dos nossos corações visto ter o mesmo ministério católico e apostólico e lutar com maiores dificuldades, ainda que com espírito mais valoroso.»

Colaboração evang. numa Revista Católica-Romana

Acaba de ser publicado um número da revista «Novellae Olivarum» do Seminário Católico Romano dos Olivais, dedicado à união das Igrejas, em que colaboram, entre outros, o Bispo-eleito da Igreja Lusitana Dr. Luís Rodrigues Pereira e o Cônego Rev. Eduardo Moreira. Vem também uma boa colaboração da parte da Comunidade de Taizé.

Tudo isto representa um avanço enorme na compreensão mútua dos vários ramos do Cristianismo e um passo em frente na união futura das Igrejas. E o avanço é tal que há questão de 10 anos, ninguém acreditaria que isto acontecesse, acostumados como estávamos aos epítetos de hereges, etc. Hoje, dando o exemplo, o Papa fala com insistência e tristeza dos seus «irmãos separados», e procura entender-se com os responsáveis das outras Igrejas Cristãs.

A dita Revista traz outra boa colaboração, destacando-se um artigo assinado por Luís Moita, em que o problema, visto então pelo prisma cristão-romano, é caracterizado pela honestidade, elevação e clareza de ideias e princípios

"GRALHAS"

Temos de novo de pedir desculpa aos nossos queridos leitores e aos nossos distintos colaboradores, pelas «gralhas» que apareceram traiçoeiramente, aqui e ali, no n.º 32 do «Despertar». Sendo a maior parte facilmente descobertas e corrigidas, desejamos apenas chamar a atenção para a frase do artigo do Rev. E. Moreira, «A propósito do Infante», no final da coluna da 1.ª página. Onde se lê «exprime quase sempre generosidade» deve-se ler «exprime quase sempre generalidade». Igualmente nas «Notas e Comentários», na nota do artigo «O Despertar — Tribuna livre» onde se lê «conferências da «CEPI», realizadas em V. N. de Gaia em Janeiro de 1960» deve ler-se «conferências da CEPI, realizadas em V. N. de Gaia, em Janeiro de 1950».

Leitor: Já assinaste este boletim?

O Culto Cristão

Pelo Rev. SAUL DE SOUSA

A Igreja tem como sua primeira finalidade prestar culto a seu Senhor e Deus. Os fiéis, antes de anunciarem as virtudes d'Aquele que os chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz, isto é, antes de evangelizarem os outros (I Ped. 2: 9) são chamados para «oferecer sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus» (I Ped. 2: 5). Infelizmente, porém, em muitos dos cultos reformados, perde-se de vista que o principal objectivo da nossa ida à Igreja é adorar e não propriamente ouvir um discurso.

«O defeito mais sério de muitos cultos protestantes — diz o Dr. Walsh — é simplesmente que se centralizam no homem, não em Deus...» E acrescenta «os grandes reformadores, que lutaram pelo sacerdócio universal de todos os crentes, ficariam assombrados se vissem o papel passivo que os leigos desempenham na maioria das Igrejas» (1).

O Culto cristão, tal como nos legou a Igreja Primitiva, era um serviço incorporado, uma verdadeira liturgia. E, embora a semântica se tenha encarregado de modificar o sentido da palavra «liturgia», permanece, sem dúvida, o seu sentido etimológico. *LITURGIA* (leitourgia de leitōn 'érgon, publicum opus ou officium) designa uma obra ou officio público.

O Culto cristão tem de ser, portanto, teocêntrico. É oferecido pelos fiéis a Deus, mediante Jesus Cristo Seu Filho, no Espírito Santo. No culto há dois movimentos que se alternam, movimentos estes que alguém já denominou de «catabático e anabático». O primeiro, significa de cima para baixo. Vem de Deus. Ele é quem toma a iniciativa: é a graça de Deus que procura o homem e o encontra; o segundo, é de baixo para cima, de nós para Deus (sacrifício de louvor). Dir-se-ia que o coração da vida da Igreja também tem a sua sistole e diástole. Damos e recebemos. Deus visita-nos, amerceia-se de nós, e enche-nos de graça e de bênção; nos reconhecidos, oferecemos-Lhe os nossos louvores e ofertas, a nossa adoração. Do que Deus nos dá, Lhe damos; e Ele volta a dar-nos do que Lhe demos já santificado. Não se deve perder de vista que no Antigo Pacto o

sacrifício permeava todo o culto. No Actual, ao contrário do que pode imaginar-se, o sacrifício persiste: sacrifício de louvor e acção de graças. De facto, as nossas orações, cânticos, oferendas e sobretudo a Eucaristia, são verdadeiramente «sacrifício espiritual de louvor e acção de graças».

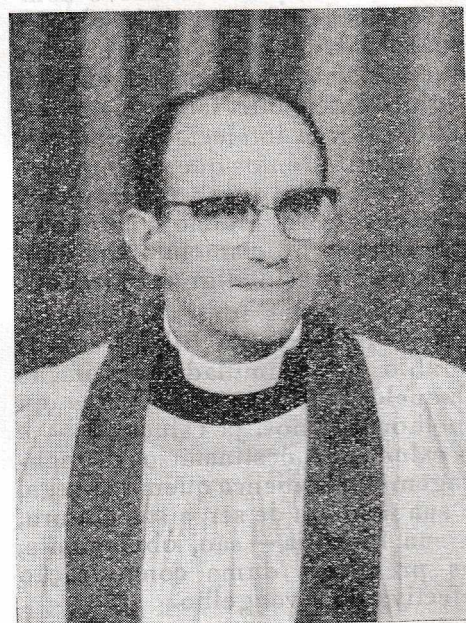
Nosso Senhor dá-nos indicações precisas acerca da maneira como deve ser prestado o culto: «em espírito e verdade». Deus não está propriamente num lugar. Em qualquer parte podemos adorá-Lo. Porém, conhecendo Ele as nossas categorias, sabendo que não podemos abstrair de tempo e espaço, tem marcado lugares de encontro com o Seu povo — no Templo, nas Sinagogas, nas Igrejas... Todavia a adoração em «espírito e verdade», não quer significar que Deus não possa ser adorado em qualquer parte. Sim. Mas é também e além disso, uma atitude nossa. É, espiritualmente falando, a sincronização e a sintonização do nosso espírito adorante com o Espírito do nosso Deus. É nesse espírito e baseado na verdade, que Deus mesmo tem revelado à Sua Igreja, que o nosso culto Lhe é oferecido e por Ele aceite.

Para os radicalistas, culto em «espírito e verdade» significa a ausência de quaisquer símbolos cristãos e formas litúrgicas. Estas coisas — dizem — cansam o povo, de maneira que quando chega à hora do sermão já pouco este pode aproveitar... Para eles, as próprias orações para serem em «espírito e verdade» têm de ser espontâneas e não escritas. Por isso os serviços religiosos são feitos *ad libitum*, segundo a habilidade do ministro. Como consequência, se uma igreja tem como pastor um pregador eloquente a igreja enche-se; se o pregador não é eloquente, ou já está cansado, a igreja fica vazia.

Mas será essa a atitude correcta? Para que vamos à Igreja? Que vamos fazer à Igreja? Ouvir apenas um pregador, ou prestar o nosso culto a Deus? Naturalmente, isto não quer dizer que não devamos apreciar as qualidades oratórias dos pregadores e ter até, as nossas preferências, gostar mais de ouvir um do que outro. Mas o que seria

(Continua na página 11)

REV. SAUL DE SOUSA



Oriundo de família de «Irmãos de Plimouth» que veio a ingressar na Igreja Presbiteriana, fez a sua profissão de fé naquela Confissão, aos dezoito anos, servindo nela como obreiro leigo de 1944 a 1949. Nessa data entrou no Seminário Teológico Presbiteriano de Carcavelos, tendo terminado ali o seu curso de Sagrada Teologia em 1955, ano em que foi licenciado. Foi ordenado Ministro Presbiteriano no ano seguinte, havendo pastoreado a Igreja Presbiteriana de Montijo e depois as de Alhadadas e Bebedouro. Mostrou desde o Seminário grande interesse pela liturgia, sendo considerado «High Churchman» na confissão em que militava. Após longa (e até certo ponto dolorosa) evolução no sentido católico, ingressou em Junho de 1960 na Igreja Lusitana, na qual foi instituído Diácono em Novembro, e Presbítero em Dezembro, do mesmo ano, pelo Rev.^{mo} Bispo D. António F. Fianador.

É Ministro auxiliar da Paróquia de S. Mateus e interino da do Espírito Santo.

Palavras de S. Paulo

«Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da Verdade».

Rev. Francisco Venâncio de Oliveira



Antigo aluno do colégio de ensino primário anexo à Igreja (agora Catedral) de S. Paulo, nunca esqueceu aquilo que ali ouvira em criança. Após conversão bem marcada, foi recebido em comunhão naquela Paróquia e ali preparado pelo Rev. Eduardo Moreira, primeiro para Evangelista e depois para o Sagrado Ministério.

Instituído Diácono em 1954 pelo saudoso Bispo de Minnesota, Rev.º Keeler, foi coadjutor na sua primeira Paróquia e depois coadjutor das Paróquias do Espírito Santo (Setúbal) e Cristo Remidor (Alcácer do Sal) e finalmente seu Ministro. O seu labor nestas últimas Paróquias, constituiu um belo exemplo de abnegação. Com perseverança, com fidelidade e sem quaisquer alardes, sacrificou-lhes durante estes anos praticamente todos os domingos, privando-se da convivência com os seus e do repouso merecido, após seis dias de intenso trabalho profissional.

Foi ordenado Presbítero em Novembro passado, pelo Rev.º Bispo D. António F. Fiandor e é agora coadjutor das Paróquias do Salvador do Mundo e do Bom Pastor, em Vila Nova de Gaia.

«Quão formosos são os pés dos que anunciam as Boas-Notas».

Um curso para Estudantes

TEOLOGIA

Em Bossey — Genebra — Suíça (25-7 a 12-8)

Pelo Rev. MANUEL DE SOUSA CAMPOS

Este curso de Verão no Castelo de Bossey foi a consolidação das ideias apresentadas e discutidas em Lausanne, duas semanas antes, por quase dois mil delegados de todo o mundo, ainda que em Bossey eramos menos de uma centena. O que se realizara em Lausanne fora uma conferência para a Juventude Cristã Europeia, mas com tal êxito que, apesar de ser a primeira deste género, todos os países enviaram representantes e até as Igrejas Católica-Romana e Ortodoxa estiveram presentes com grandes delegações.

Em Bossey, como se tratava só de estudantes de teologia, aprofundou-se o tema esboçado em Lausanne.

Tomemos, portanto, o nosso comboio em direcção a Genebra (ou o barco, para quem prefira a paisagem lacustre) e refugiemo-nos no «Chateau» de Bossey por algum tempo.

Bossey é uma região rural absolutamente ignorada antes de 1946 e desde então conhecida em todo o mundo por causa da fundação do Instituto Ecuménico do Concílio Mundial de Igrejas naquelas paragens. Agora é a capital das discussões ecuménicas e um lugar calmo procurado por muitos cristãos. Depois de nós, oitenta médicos físico-terapeutas ocuparão os mesmos quartos e salas, estudando no mesmo ambiente e orando na mesma capela. A cura das almas e a saúde do corpo e do intelecto estão ali de mãos dadas.

Situado à beira do lago Léman e com janelas rasgadas para o Jura Francês e para os picos Alpinos da Sabóia, vendo-se claramente o Monte Branco em dias límpidos, também a poesia nos visita ali. Embora o Instituto Ecuménico não tenha mais que uma dúzia de anos, é longa a história local. Aquela propriedade foi originalmente oferecida pelo bispo de Genebra ao Convento de Boumont no século XVI. Deste tempo apenas a torre da capelinha rústica permanece.

Sempre propriedade da Igreja deixou de sê-lo, por ironia, no

princípio da Reforma. Assim, de mão em mão, foram seus possuidores temporários a família Turrettini durante quase um século, deixando quase toda a construção urbana actual, no século XVIII. Em seguida, e por menos tempo, logo após a Revolução Francesa, foi sua possuidora a talentosa figura da literatura francesa, Madame de Stael. Diz-se que esta senhora mandou construir algo mais majestoso a poucas milhas de distância para receber o grande imperador Napoleão I. Todavia não consta que Sua Alteza por ali houvesse passado.

Pois bem, depois de esboçada a história dum castelo, cujas ameias são de buxo e não de pedra, entremos na sala de aulas, coloquemos os ascultadores e prestemos a máxima atenção às lições diárias em qualquer das três línguas oficiais: francês, inglês e alemão.

O tema geral do curso é muito sugestivo e relevante — «*O exercício do discernimento teológico num tempo de rápidas transformações sociais*».

Em certo sentido temos aqui, em poucas palavras, toda a expressão do problema ético-social-cristão que tem preocupado o povo de Deus de todos os tempos, desde Abraão aos nossos dias. São dois os mais proeminentes aspectos deste problema ético-social dentro do contexto particular-cristão. Em primeiro lugar, é o discernimento da vontade de Deus em presença de situações concretas, embora sem nos deixarmos prender a princípios ou teorias fundamentais, senão dentro da medida em que se refiram directamente ao tema. Em segundo lugar, deparamos com uma situação social geral em mudança constante, pela insatisfação humana, num desejo sempre crescente de progresso individual e colectivo, nacional e universal. A evolução social é actualmente uma realidade cheia de consequências boas e más para milhões de homens, mulheres e crianças, vítimas duma engrenagem

(Continua na página 10)

Já enviaste a tua oferta para a construção do Templo de Alcácer do Sal?

Dar

(Continuação da página 1)

sociedade que frequentamos, se praticamos «abusos de confiança» para com Deus, somos inconscientemente levados a esquecer que roubamos a Deus, quando O pomos à margem das nossas vidas, em vez de Lhe darmos o único lugar que é Seu de direito: O centro, o comando completo de todo o nosso ser (Mal. 3: 7-10).

Em segundo lugar, precisamos reconhecer que **dar** faz parte integrante e importantíssima do culto que prestamos a Deus. A respeito de alguns que haviam dado bastante para determinado fim — assistência aos irmãos da Judeia, ao tempo em grande necessidade — disse S. Paulo: «Deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor e depois a nós pela vontade de Deus» (II Cor. 8: 15). Eles tinham como que respondido ao apelo feito por Paulo aos cristãos de Roma: «Rogo-vos... que apresenteis os vossos corpos como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional» (Rom. 12: 1). A nossa liturgia, ao citar estas palavras de S. Paulo, numa das orações do ofertório, põe bem em evidência que **dar** é acto sacerdotal do Povo de Deus, privilégio honrosíssimo que não poderia deixar de nos encher de alegria e gratidão, se as coisas de Deus fossem para nós realidades vivas.

Dar, não é esportular uma esmola, mas sim afirmar de modo visível a nossa pertinência ao Senhor e a nossa inteira dependência d'Ele. Com que propriedade a liturgia diz: «Apresentemos as nossas ofertas ao Senhor com **reverência e temor piedoso**»!

Mas quanto havemos de dar? A resposta deve procurar

CALENDÁRIO DA IGREJA

FEVEREIRO

- 19 — 1.º Dom. da Quaresma. Liv. O. pg. 138. Cor. lit.: Roxa.
25 — Dia de S. Matias. Liv. O. pg. 246. Cor. lit.: Encarnada.
26 — 2.º Dom. de Quaresma Liv. O. pg. 140. Cor. lit.: Roxa.

MARÇO

- 5 — 3.º Dom. da Quaresma. Liv. O. pg. 141. Cor. lit.: Roxa.
12 — 4.º Dom. da Quaresma. Liv. O. pg. 143. Cor. lit.: Roxa.
19 — 5.º Dom. da Quaresma. Liv. O. pg. 146. Cor. lit.: Roxa
25 — Anunciação da B. A. V. Maria. Liv. O. pg. 248. Cor. lit.: Branca.
26 — Dom. de Ramos. Liv. O. pg. 148. Cor. lit.: Roxa.
30 — Quinta-feira Santa. Liv. O. pg. 150. Cor. lit.: Roxa.
31 — Sexta-feira Santa. Liv. O. pg. 157. Cor. lit.: Preta.

ABRIL

- 2 — Dom. de Páscoa. Liv. O. pg. 163. Cor. lit.: Branca.
9 — 1.º Dom. depois da Páscoa. Liv. O. pg. 167. Cor. lit.: Branca.
16 — 2.º Dom. depois da Páscoa. Liv. O. pg. 168. Cor. lit.: Branca.
23 — 3.º Dom. depois da Páscoa. Liv. O. pg. 170. Cor. lit.: Branca.
25 — Dia de S. Marcos. Liv. O. pg. 249. Cor. lit.: Encarnada.
30 — 4.º Dom. depois da Páscoa. Liv. O. pg. 172. Cor. lit.: Branca.

achá-la cada um, considerando com oração e cuidado as suas possibilidades, lembrando-se que é mordomo e não realmente dono daquilo que possui e que terá um dia de dar contas a Deus pelo modo como administrou o que a Deus aprouve confiar-lhe (I Cor. 9: 7; 16: 1).

Não ficaria, contudo, de bem com a minha consciência se a este respeito não vos dissesse que há um grande número de cristãos de diferentes confissões, de correntes teológicas as mais variadas e de distintas possibilidades financeiras, que chegaram à conclusão de que não deveriam ficar atrás dos

Respigos

«As substâncias aromáticas espalham um perfume tanto mais forte quanto mais as apertamos entre os dedos; o mesmo se dá com relação à leitura frequente da Sagrada Escritura. Quanto mais familiar se vai tornando, mais se nos revela o tesouro que as suas palavras encerram e mais amadurecido o fruto das suas inefáveis riquezas».

S. João Crisóstomo

* * *

Certo pregador falava ao ar livre em Londres, quando foi interrompido por um desordeiro, com a cara muito suja, que lhe disse: «O cristianismo existe há 2.000 anos e veja como está o mundo»... Sem hesitar, por um momento, o pregador replicou-lhe: «A água existe no mundo há bem 2 milhões de anos, e veja como está a sua cara».

Unitas-Junho 1960

* * *

«Qualquer tolo sabe escrever linguagem erudita. A prova real é a linguagem do povo, e quem nela não puaer exprimir a sua fé, ou não entende esta ou nela não acredita». — C. S. Lewis, em uma carta a The Christian Century.

* * *

Construção do Templo de Alcácer do Sal

Se não puderes enviar o teu óbulo dum só vez, basta que indiques a maneira como o desejas fazer.

fiéis do Velho Testamento, e que decidiram dar ao menos a décima parte dos seus réditos. Bem sei que se pode apresentar muitas objecções a tal costume, e com certeza esta prática não pode, de modo algum, ser imposta pois não estamos debaixo da Lei de Moisés. O que é certo, porém, é que nunca se ouviu de nenhum dizimista que se arrependesse de o ser; todos os que decidimos dar o dízimo, não podemos deixar de dar testemunho de que esta prática tornou-se para nós em fonte de grandes bênçãos, tanto espirituais como temporais.

A Caminho de Cristo

Pelo Rev. Eduardo Moreira

Como todos saberão há um movimento, não mais que «movimento», chamado recentemente «ecumenismo», com o qual se pretende satisfazer a vontade unificadora do Senhor, sem maguar os que dela se desviam por suas lutas. E' como que uma espécie de enfermagem consciente, pretendendo o máximo de eficiência com um mínimo de sofrimento.

Ora sucede que esse movimento não pode por ora ser representado por uma rotação perfeitamente accionada, tal como as ondas concêntricas que na água serena produziu a pedra que se lhe lançou. E' antes um movimento incerto, como o que à folhagem o vento imprime. Direi melhor, que se acentua em três direcções: e assim lhes chamaremos: ecumenismo, anticumenismo e pseudo-ecumenismo.

Para uns, a união preconizada tende a uma «super-igreja», de estrutura meramente política, amálgama de dogmas ou de disciplinas inconciliáveis, espécie de Babel às avessas, visto que a bíblica se desfez em face da impossibilidade de entendimento. A solução aí, supõe-se ser, no critério de cada grupo, apresentar-se esse como o genuíno e exclusivo representante do Divino Mestre. Assistimos então a uma luta acérrima que por vezes desce a certas deselegâncias difíceis de descrever. Estes são os «anti».

Para outros a solução oferece-se clara: defende-se o movimento, toma-se parte nele assistindo aos seus congressos e colóquios, vota-se nas suas deliberações, aceitam-se os seus benefícios, mas proclama-se por fim que a solução plena é a sua. Não há que discutir nem que hesitar: basta que todos se encaminhem para o seu lado, e pronto! Estes são os «pseudo».

O terceiro grupo acredita que as palavras proféticas de Jesus Cristo: «...haverá um só rebanho e um só Pastor» só serão plenamente realizáveis por Ele; mas devem sê-lo relativamente por nós, quanto em nós caiba. Pois se o Bem absoluto só Deus o realiza,

não deveremos nós buscar a sua realização relativa desde já? Estou certo ser nesse espírito que os verdadeiros «conciliares» se reúnem. E até na Comunhão Romana, baseada aliás no princípio de autoridade, que pode ser traduzido como «uniformismo totalitário», apareceu um Abade Couturier proclamando a necessidade de se caminhar de ambas as partes para um encontro em Cristo.

Por minha parte, não posso considerar alguns ramos do Cristianismo Reformado como «individualismos extremistas». Outros o são; mas todos, não. De qualquer modo, todos os cristãos poderão deixar suas posições imperfeitamente dirigidas (e quem se arrogará a perfeição?!) por influência do Espírito de Deus, o Qual nós «extinguimos», em nós, quando nos apartamos uns dos outros sem amor ou com fingido amor (1 Tesal. 5: 19).

A Igreja Lusitana, no uso dum direito incontestável, convidou, ao organizar-se, vai para oitenta e um anos, todos os grupos de cristãos evangélicos a unir-se a si como portugueses e inconformados com as inovações dos últimos séculos. Algumas vieram, e outras não, no uso do mesmo direito, que ela não contestou, nem tinha que contestar. Aqui vemos esboçado o ecumenismo, não «anti» nem «pseudo». Depois disso, na História da cristandade geral, como na da nacional, temos visto mudanças pessoais de atitude e de posição, todas respeitáveis, desde que são actos de consciência. A deselegância moral estaria num proselitismo forçado, mercenário, sedutor.

Um dos fundadores da Igreja Lusitana foi posteriormente ministro da Igreja Presbiteriana, como depois dois pastores presbiterianos ingressariam na Igreja Lusitana, um há muitos anos e outro recentemente. Um outro fundador desta Igreja fora até à fundação dela um leigo metodista; e não será impossível que algum outro use do direito de consciência, absolutamente

respeitável, se se transferir de um grupo confessional para outro. Uma coisa são os princípios doutrinares lealmente apregoados, e outra os casos pessoais que, quando apresentados de forma correcta, não merecem discussão. As incorrecções individuais é que por vezes azedam as atitudes.

A imprensa católica romana apregoa muitas vezes em termos triunfais o ingresso de ministros ou leigos, de agrupamentos eclesiásticos protestantes, no seio da Igreja de Roma. Lembro-me de há anos, a um ministro luterano, casado, terem sido conferidas ordens de presbítero pela Sé Romana, parece-me que continuando a viver com sua legítima esposa. E o bispo D. Salomão Ferraz, excelente escritor cristão, que fundou uma Igreja Católica Livre (de certo modo traindo, em meu juízo, o princípio episcopaliano de unidade, ao criar o cisma) ingressou há pouco na Comunhão Romana. Do nosso lado também se festeja alegremente a vinda de crentes católicos romanos para o Evangelismo, de qualquer escola. Parece-me que de boa norma seria publicar uma e outra evoluções, a par, pois seria um processo, digamos, mais científico. Os fenómenos estudam-se em todos os factores conhecidos. E ainda que demos números perfeitos, de um lado e de outro, escapar-nos-ão ainda muitas razões psicológicas, temperamentais, influências várias, algumas tão subtis que nos parecerão inexistentes. Não proceder assim, parece-nos «propaganda».

Pergunto-me às vezes por que razão os sábios agnósticos Alexis Carrel e Leconde de Nouis, fixados na América do Norte e tocados espiritualmente pelo Cristianismo, ingressaram na Igreja Católica Romana e não noutra. Não me é possível obter os dados todos do problema; mas suspeito, só suspeito, que foi a unidade externa do Catolicismo Romano e a «cissiparidade» que aparentemente lhes oferecia a observação um tanto superficial do protestantismo norte-americano que determinou a resolução desses dois grandes homens de ciência.

E assim regresso ao tema apaixonante da «teologia comparada», que já uma vez tratei, com aplausos vibrantes, mas... mais nada. Contudo, seria um caminho claro e fraternal, para Cristo.

Um curso para Estudantes DE TEOLOGIA

(Continuação da pág. 7)

que não criaram e desconhecem absolutamente. Estas pessoas são incapazes de reconhecer ou apreciar formas e estruturas de valor durável, mas precisam delas e anseiam por elas, embora não lhes dêem nomes nem lhes imaginem formas.

Os princípios teológicos que têm permitido discernir a vontade de Deus no passado, desde Adão à Assembleia de Evans-ton, têm que ser revistos por um novo prisma, a fim de que lhe encontremos o verdadeiro significado e os adaptemos, sem demora e com justiça, às situações criadas pela evolução social.

A nossa tarefa em Bossey foi a de examinar concretamente como deve um cristão passar da fé que exprime, muitas vezes apenas teoricamente, à acção que exigem as situações práticas em que nos encontramos, sem preconceitos de raça nem de seita.

Para melhores resultados foram convidados os Professores que vivem nas zonas onde os problemas tratados mais se fazem sentir, tendo em atenção especial a Ásia, a África e a América Latina. E foram sábios e claros nas suas exposições, dando lugar para discussão depois de cada lição e sessões plenárias para encerramento de cada tema.

Linhas gerais do programa :

Na primeira semana fez-se a análise das situações sociais que exprimem igualmente problemas particulares ao pensamento e acção dos cristãos nos nossos dias.

Assim o Professor Dayanandan falou de «Os cristãos em face do nacionalismo e do Hinduísmo renascente», com eloquência e conhecimento de causa.

O pastor Ernest Lange referindo-se à zona fabril da Alemanha actual, onde trabalha com as mãos, o coração e a mente e de toda a sua alma, falou-nos de «Responsabilidade Social e Juventude Europeia». Também o Prof. Gerard Gloege, igualmente alemão, abordou o assunto sob o título «Bases teológicas para o discernimento cristão na sociedade».

O Cónego Theodore Wedel falou-nos da «Evangeliização na Sociedade Americana», mas referindo-se apenas ao Norte deste país.

O Chefe dos trabalhos, pertencente à directoria local, igualmente americano, tinha aberto o curso com a lição «Teologia e Decisão Social no Movimento Ecuménico».

E ainda o Snr. Young tratou a «Decisão Cristã na tensão racial dos E. U. A.

Da América do Sul foi orador o Snr. Strong, missionário em Cuba.

O Prof. James Robinson tomou a cátedra para falar de «A Mesa do Senhor e a Comunidade Cristã».

Na segunda semana o Dr. Samuel Mathai tratou o problema da «Responsabilidade dos leigos cristãos na Índia de hoje».

O Dr. Yoshimolou Kumazawa aprofundou o tema «Decisão teológica e Social no Japão».

Em seguida, virámos as atenções e todas as nossas energias (dia e noite, como sempre) para as «Bases teológicas sobre as quais se fundamenta o discernimento da vontade de Deus dentro do domínio social».

Sermões de 5 minutos

Pelo Rev. AGOSTINHO ARBIOL

«Eu sei em quem tenho crido»

2 Tim. 1: 12

Se invadido pela angústia a sua fé vacilasse; se não recorresse a Deus por não ter a certeza do Seu auxílio e se a dúvida torturante do Seu amor lhe tolhesse os passos, então, o Apóstolo não saberia em quem tinha crido! E não saber em quem se tem crido corresponde a ter perdido o melhor dom da vida. Quando se sabe por que se luta, luta-se melhor e quando se sabe o destino depois da morte, vive-se melhor. As epístolas de Paulo a Timóteo parecem ter sido as últimas que escreveu. As suas palavras «eu sei em quem tenho crido» revelam a sua confiança n'Aquele que em breve iria ver face a face. Saber em quem se tem crido é saber o que basta para nos animar na tristeza e que o que acontece ou há-de acontecer, seja de que natureza for, não afrouxa nem diminui o amor de Deus; é o meio de se adquirir coragem na luta diária e de se manter firme o testemunho de fé quando acompanhado ou só; é conhecer a Deus mais pela experiência do Seu amor, que não admite contestações, do que pelo estudo teológico que suscita controvérsias; é a canção que nos fortalece na dura jornada da vida e é saber que o Senhor será conosco hoje e não deixará de ser amanhã. A fé de S. Paulo se assemelha à fé duma criancinha em sua mãe, em cujos braços se entrega sem se lembrar que ela a pode deixar cair. A história que vamos contar ilustra admiravelmente o assunto que está sendo objecto da nossa meditação. Um dia uma menina, dos seus cinco anos, linda como são geralmente as crianças desta idade, e filha do director dum Banco de Inglaterra, pediu a seu pai para a deixar ver o Banco. Quando chegaram às caixas fortes, a pequerrucha admira encantada o labirinto de ferrolhos, molas e alavancas, e no fim de ter visto como aquele mecanismo complicado funcionava, exclama com um suspiro de alívio: Agora posso estar sossegada porque sei que estão bem seguros os

xelins que aqui tenho depositados. A história na sua eloquente simplicidade faz-nos lembrar uma caixa forte, sem a complicação mecânica da do Banco de Inglaterra, mas infinitamente mais forte do que ela. Essa caixa forte é o Céu onde Nosso Senhor Jesus Cristo nos exorta a entesourar os nossos tesouros porque aumentam sem cessar e estão em absoluta segurança. «Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no Céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem e onde os ladrões não minam nem roubam». S. Mat. 6: 19 e 20. Cada acção boa que se pratica equivale a um depósito no Banco do Céu. Vale a pena reparar no valor inverso dos tesouros terrenos e celestiais.

A morte representa a perda de uns e a posse de outros. Os bens que o homem juntou na terra, com frenesi e egoísmo, deixam de lhe pertencer quando morre. Por outro lado, é nessa mesma ocasião que os bens que juntou no Céu, com fé e amor, lhe ficam a pertencer com o privilégio e gozo da sua posse. E o gozo do Céu é maior do que o da Terra porque este é efémero e aquele é eterno. As palavras de S. Paulo: «porque Ele é poderoso para guardar o meu depósito até ao dia final» mostram que a felicidade se conquista pelo bem que se faz e que nunca se perde, embora por vezes pareça que sim, porque Deus a guarda até aquele dia que é o último da vida curta deste mundo e o primeiro da vida sem fim do Céu em que dessa felicidade havemos de tomar posse.

«Não sei o que de mal ou bem é destinado a mim
Se maus ou áureos dias veem, até da vida o fim!

Mas eu sei em quem tenho crido,
E estou bem certo que é poderoso
P'ra guardar o meu tesouro até ao dia final!

Na terceira e última semana dividimo-nos em grupos geográficos e denominacionais discutindo em conjunto certos aspectos do trabalho e conclusões dos estudos bíblicos diários.

Além de toda a bibliografia, apresentada previamente pelos Professores, mereceu-nos especial atenção uma publicação do Concílio Mundial de Igrejas — «A Acção Cristã nas Sociedades em Plena Evolução», a qual é o resultado da conferência de Tessalónica, Grécia, de 25 de Julho a 2 de Agosto de 1959, conferência internacional levada a efeito pelo departamento «Eglise et Société» do W. C. C. para estudos ecuménicos.

Em resumo, o discernimento do desejo de Deus em relação às nossas actividades sociais e religiosas baseia-se nas palavras do próprio Cristo no Novo Testamento. A situação actual requer de nós, mais do que nunca, a par do desenvolvimento teológico, uma pronta adaptação às constantes mudanças da sociedade humana de hoje.

As condições de vida estão-se transformando aceleradamente e temos que evoluir, agindo e pensando como cristãos. Há reflexos bíblicos encontrados no capítulo doze de Romanos que nos orientam no seguimento da vontade de Deus, sem nos afastarmos das condições actuais. Também a carta aos Filipenses, 2: 1-11 nos conduz pelo mesmo caminho de incomformidade com este mundo, embora com responsabilidade de orientação própria e alheia enquanto nele estivermos.

As condições actuais não deixam lugar para dúvidas de que esta é uma época em que se travam as maiores lutas ideológicas e as maiores mudanças científicas. Poderá a Igreja adormecer, isolada, presa a velhos conceitos enquanto tudo muda à sua volta? Não! Como Igreja viva temos obrigação de movimento incessante, em vez de vida estática, mais parecida com a morte.

Manuel de Sousa Campos

O Culto Cristão

(Continuação da pág. 6)

condenável é que a nossa ida à Igreja girasse em volta do pregador e não à volta de Cristo.

E afinal que são esses cultos alitúrgicos? Que nos esclareça a autorizada e insuspeita opinião do Dr Michael P. Testa, digno Deão do Seminário Teológico Presbiteriano de Carcavelos, e Professor da cadeira de Liturgia no mesmo Seminário, de quem tivemos a honra de ser discípulo. «A opinião de que o Protestantismo em Portugal tem necessidade de uma significativa Reforma, não devia provocar discordância. Com poucas excepções, é especialmente caracterizado por falta de formalidade e de coerência. Há simplesmente uma série de «acontecimentos», um «programa» de actividades sem ligação entre si aos domingos de manhã, às quais habitualmente, pouca ou nenhuma justificação teológica se pode dar. Dois hinos, o coro canta duas ou três vezes, uma lição das Escrituras, escolhida segundo o capricho do ministro, uma «colecta», uma oração pastoral às vezes bem divagante, uma conversa (nem sempre se lhe pode dar a dignidade de sermão) a qual pode ou não, ter alguma relação com a porção das Escrituras lida ou com qualquer outra, uma longa série de anúncios... E é com todos estes ingredientes, misturados de forma caprichosa, que muitos cultos protestantes são preparados». (2)

Pode alguém pensar que do lado dos que têm uma liturgia elaborada exista o risco de se cair em rotina. Mas há, de facto, tal risco? — Mesmo que o houvesse, ainda assim, valeria a pena corrê-lo. Se é certo que o hábito cria em nós uma segunda natureza — como afirmava Aristóteles — deixemos que a nossa gente se habitue a adorar a Deus. A nossa vida é constituída por hábitos. Então que se cultivem os bons.

Os que criticam as orações escritas, bem podiam fazê-lo quanto às estereotipadas na mente. E, afinal, que são os salmos, *senão* orações que foram feitas para serem recitadas ou melhor cantadas? Que são alguns dos nossos hinos *senão* orações cantadas? O ideal seria, talvez, que todos soubessem as orações da Igreja de cor, isto é, do coração. Além disso acresce que a liturgia da Igreja encerra orações de todos os

tempos. Desde o «Pai Nosso», do primeiro século, até aos nossos dias. Quando oramos no culto público, repetimos orações da Igreja, que milhares *senão* milhões, que nos precederam, já repetiram. Ao repeti-las, queremos afirmar que somos devedores a toda a Igreja. Não pretendemos ser uma coisa *sui generis*. Temos uma famosa herança católica!

O Culto que a Igreja Primitiva nos legou é o que podemos chamar de «culto litúrgico». Só mais tarde, a partir do IV século, foi-se acentuando mais e mais a tendência para que o culto fosse celebrado apenas pelo ministro. E com a conservação do latim, como língua oficial da Igreja, quando já poucos o entendiam, mais se radicou esse costume. Até que em plena Idade Média se cai nas missas privadas.

Então, o povo é representado, indevidamente representado, por uma pessoa que junto do altar responde ao sacerdote. Está claro, isto é uma aberração do cristianismo. Consequentemente, o povo passa a comungar só três vezes por ano, e mais tarde uma só vez por ano, pela Páscoa. Na Igreja Primitiva, porém, celebrava-se a Eucaristia todos os domingos, com a participação dos fiéis. Na verdade haveria grande bênção em se restaurar em todas as nossas paróquias essa prática primitiva. (3)

Em abono da verdade deve dizer-se que alguns dos Reformadores quiseram voltar à prática primitiva da comunhão dominical. Mas os seus esforços foram baldados. O povo já se desacostumara de participar activamente no culto e de comungar com frequência. Fazê-lo todos os domingos, parecia-lhe demasiado. São conhecidos de todos os esforços de Calvino para restaurar o uso primitivo da comunhão semanal. *Mas as autoridades civis de Genebra, não deferiram o pedido, temendo que se produzissem tumultos.* Calvino transigiu que a comunhão fosse celebrada 4 vezes por ano, obrigada pelas circunstâncias.

Parece que com a Comunhão Anglicana algo de semelhante se passou. Porém, o uso dos resultados permanentes do movimento chamado «tratariano» acentuou a importância da celebração frequente da Ceia do Senhor. Graças a esse movimento de Oxford quase todas as paróquias anglicanas têm agora semanalmente a Santa Comunhão, e muitas a celebram diariamente.

A PRESIDÊNCIA DOS E. U. A. E A RELIGIÃO

A estatística dos homens, nominalmente membros de diversas confissões cristãs, que têm ocupado a presidência dos E. U. é como segue:

Congregacionalistas — 1
Discípulos de Cristo — 1
Quaeres — 1
Católicos Romanos — 1
Baptistas — 2
Igreja Reformada Holandesa — 2
Unitarianos — 4
Metodistas — 4
Presbiterianos — 6
Episcopais — 9

Estes números confirmam o que há tempos nos disse o saudoso Bispo Keller acerca da influência e prestígio da Igreja Episcopal Protestante nos E. U., se tivermos em vista que o número dos seus membros é apenas de, aproximadamente, uns três milhões.

E' nos grato recordar que apesar de serem relativamente poucos membros, em comparação com outras confissões religiosas, eles já deram à grande nação americana 9 dos seus presidentes.

Hoje, no seio da Igreja Romana, principalmente entre os Beneditinos, está-se acentuando a importância da participação dos fiéis na celebração da missa. Está-se procurando fazer o que alguns dos Reformadores do século XVI, não conseguiram: devolver a missa ao povo, fazendo dela uma genuína comunhão.

Também entre os Reformados, merece especial referência, o célebre movimento de Iona, o qual tem despertado a Igreja da Escócia (Presbiteriana) e que tem como sua principal finalidade a reforma do culto público com a restauração da celebração dominical da Ceia do Senhor.

«E' tempo — diz o Dr. Walsh — que os Protestantes comecem a examinar cada doutrina e cada prática, pelo que cada uma vale em si mesma. A questão não deve ser se uma coisa é católica-romana ou protestante, mas sim se é cristã...» (4).

Como católicos evangélicos que somos não seria nosso pois o privilégio e o dever de voltar à prática primitiva da comunhão Dominical?

Saul de Sousa

- 1) — El Predicador Evangélico — Abril — Junho, 1952.
- 2) — Apêndice — Culto na tradição Reformada.
- 3) — Rubrica do L. de O., pág. 70.
- 4) — El Predicador Evangélico — Abril — Junho, 1952.

PELA IGREJA

Dr. Ayres da Silva

Vai partir brevemente para Paris acompanhado de sua esposa com bolsa de estudo da Fundação Gulbenkian, o querido Amigo Dr. Ayres da Silva membro desta Paróquia, diácono-eleito da Igreja Lusitana, a fim de estudar a organização dos serviços de urgência naquela cidade. Todos nós lhe desejamos ricas bênçãos de Deus e bom êxito nos seus estudos e trabalhos.

Paróquia da Catedral de S. Paulo — Lisboa

No dia 26 de Janeiro, no salão social desta paróquia, houve por iniciativa da Sociedade de Senhoras uma sessão íntima de boas vindas ao Rev.º Bispo-Eleito Dr. Luís Pereira, nomeado Deão da Catedral, por vir fazer parte desta Paróquia, e de despedida do Rev. Venâncio de Oliveira, que, por ser colocado numa das paróquias do Norte do País, saindo de Lisboa, deixou de ser membro da congregação de S. Paulo, que o era e que sempre que podia auxiliava apesar de ministro das Paróquias de Cristo Remidor em Alcácer, e Espírito Santo, em Setúbal. Aos dois ministros homenageados foi-lhes feita a oferta de lindas lembranças.

A congregação ali reunida aproveitou a ocasião para felicitar também o Rev. Eduardo Moreira pela elevação à dignidade do canonicato, tendo-lhe sido oferecido um lindo jogo de estolas.

As esposas dos ministros ali presentes foram gentilmente presenteadas com lindos ramos de flores.

Paróquia de S. João Evangelista Vila N. de Gaia

Liga de E. C. de Gaia

Tem sido muito apreciada e útil à obra missionária da Igreja de S. João Evangelista a decisão desta Liga de visitar as missões aos domingos à hora dos cultos e tomar parte nos mesmos. Alguns membros desta Liga têm posto à disposição os seus carros para este glorioso trabalho.

Festas Familiares

Com o fim de angariar fundos para acudir às despesas da Igreja, tem a Junta Paroquial promovido uma festa por mês, a partir de Novembro com chá íntimo e passatempos agradáveis e espirituais. Na de Dezembro houve um concurso bíblico alusivo ao Natal.

União Feminina

No dia 23 de Dezembro celebrou esta União o seu 23.º aniversário com um programa muito atraente, desempenhado na sua maior parte por meninas, hábil e carinhosamente ensaiadas pela consagrada irmã Ester Andrade Melo. Além da Presidente da União, falou o Rev. Agostinho Arbiol, ministro da Congregação.

Natal

No dia 27 de Dezembro realizou-se no Salão Paroquial a Festa da Escola Domini-

cal tendo sido distribuídos aos seus alunos prémios e chocolates. Do programa fez parte uma enternecedora peçazinha escrita por um dos alunos, a qual foi muito apreciada. Também houve canções, poesias e um concurso bíblico infantil.

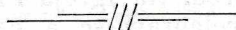
As crianças da Escola Diária, foi no dia seguinte oferecido um lanche e uma sessão de cinema.

No dia 23 foi distribuído por alguns membros da Igreja o tradicional bode do Natal.

Paróquia do Salvador do Mundo

Vila N. de Gaia

No passado mês de Janeiro, na Paróquia do Salvador do Mundo, comemorou-se, com grande elevação e espiritualidade, o 34.º aniversário da fundação do Esforço Cristão do Prado e o 9.º da Secção Feminina do mesmo grupo. O Despertar associa-se a estas comemorações, felicita a Igreja do Prado pelo seu inspirador «Esforço Cristão» e deseja que o Senhor abençoe rica e poderosamente aqueles que têm orientado tão simpático movimento dentro da Igreja.



Paróquia de Cristo Remidor

Alcácer do Sal

A subscrição em prol da construção do templo desta Igreja continua até atingirmos a quantia de 300 contos, necessários para bom efeito deste empreendimento de grande significado para a expansão da Igreja Lusitana. Os nossos irmãos desta paróquia esperam confiantes e agradecem a ajuda de todos os amigos e membros da Igreja Lusitana, que desejarem contribuir.

Transporte	78.457\$00
Rev. Bispo Henry Shervill Dolls. \$100	2.850\$00
Paróquia de «S. Michael and all angels» Baltimore, U. S. A. (Dolls \$25).	712\$00
Paróquia do Salvador do Mundo (Prado)	625\$00
Paróquia do Bom Pastor (Candal)	500\$00
Donal Lopes (2.º donativo) Dolls. \$10	284\$80
Mrs. J. A. Westphal, U. S. A. (em memória de sua avó Mrs. W. M. Wimbish e em acção de graças pelos seus pais Mr. e Mrs. Forrest E. Wimbish (Dolls. \$25)	714\$00
Rev. Francisco Venâncio de Oliveira	500\$00
Alberto Joaquim da Fonseca Rato	250\$00
Dr. Ernesto Moreira	250\$00
Bento Duarte	100\$00
Lázaro Duarte Correia	100\$00

Maria Idalina Palmela Duarte Correia	60\$00
António José Correia	20\$00
Margarida Figueiredo Paulino	200\$00
Saldo do «Fundo da Igreja de Alcácer do Sal para a compra do terreno».	1.233\$10
Harrison Warrender (Doll. \$20)	571\$20
Um casal agradecido pela sua conversão na Igreja Lusitana	100\$00
A transportar	87.527\$10

Paróquia de S. Mateus Vila Franca de Xira

No dia 18 de Dezembro p. p., por ocasião do Serviço Divino, teve lugar nesta Igreja a Ordenação do Rev. Saul de Sousa ao Presbiterato.

Ao terminar o Serviço, à saída, por iniciativa da Junta Paroquial, foi oferecida, a todos os presentes, uma lembrança alusiva a tão significativo acto. Ao Rev. Saul de Sousa, Ministro auxiliar desta Igreja e interino da do Espírito Santo, deseja o Despertar um próspero Ministério na Igreja Lusitana.

No dia 22 de Janeiro p. p. comemorou-se, com grande satisfação o 19.º aniversário do Núcleo Campista «Sentinelas», anexo a esta Igreja. Nesse dia foram celebrados Cultos, de manhã e à noite, em acção de graças pela vida e acção das «Sentinelas». Pregou o Rev.º Pároco, o qual dirigindo-se aos dirigentes do Núcleo, evocou o começo do mesmo e as dificuldades que este teve de vencer até ao presente, e com palavras repassadas de emoção e sinceridade desejou às «Sentinelas» as maiores bênçãos de Deus para o porvir. Teve também lugar nessa altura a bênção do novo Estandarte. As Sentinelas deseja o Despertar uma longa e frutuosa vida.

O DESPERTAR

Este boletim, além de continuar a distribuir-se nas paróquias da Igreja Lusitana, pode ser obtido por assinatura, para o que basta preencher o impresso junto. A assinatura será de 5 números que corresponde, por enquanto, mais ou menos, à sua publicação durante 1 ano. O preço mínimo da assinatura é de 10\$00, agradecendo, porém, a administração o que puder ser dado além desta quantia, que é baixa de propósito para permitir que todos os membros da Igreja possam assiná-lo sem dificuldades de maior.